



www.enaphem.com



Acervos pessoais: reflexões para uma pesquisa em história da educação matemática

Personal collections: reflections for a research in the history of mathematics education

*Jorge Augusto Moraes de Oliveira*¹

*Pedro Augusto Vieira da Silva*²

*Laura Leal Moreira*³

Resumo

O presente texto é uma reflexão inicial acerca das contribuições dos acervos pessoais para pesquisa em História da Educação Matemática. Este trabalho faz parte do compromisso assumido junto ao projeto de iniciação científica dos autores, que se propõe a colaborar com a História da Educação no estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente da formação de professores em Cursos Complementares e Escolas Normais. Partindo das experiências vivenciadas junto a acervos pessoais e de referências⁴ da área, buscamos apresentar a importância da utilização destes acervos nos trabalhos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa do qual fizemos parte.

Palavras-chave: História da Educação Matemática; Acervos Pessoais; Pelotas; Rio Grande do Sul.

Introdução

A consulta a fontes documentais é um processo essencial para o desenvolvimento de pesquisas em diversas áreas, e na História da Educação Matemática não seria diferente. As origens das fontes que consultamos, geralmente,

¹ Graduando em Matemática - Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas e Bolsista de Iniciação Científica - PBIP-AF/UFPel, Brasil. E-mail: guto_moraes_12@hotmail.com.

² Graduando em Matemática - Licenciatura/Noturno pela Universidade Federal de Pelotas e Bolsista de Iniciação Científica - PROBIC/FAPERGS, Brasil. E-mail: pedroaugustovs@gmail.com.

³ Doutoranda em Educação em Ciências e em Matemática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora Substituta do Departamento de Educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil. E-mail: lauraamoreira@gmail.com.

⁴ É importante ressaltar que essas referências mencionadas fazem parte de dois trabalhos maiores dos quais já foram possíveis apresentar alguns resultados em Oliveira (2020) e Silva (2020) sob orientação do prof. Dr. Diogo Rios. Atualmente, este trabalho avança em outras questões e está sendo orientado pela prof.^a Laura Leal Moreira.

são variadas e servem a diferentes propósitos como, por exemplo, a utilização de biografias, visando agregar informações na construção da narrativa proposta pelo pesquisador ou simplesmente auxiliar na contextualização do assunto que se pretende tratar.

Dentre as possíveis fontes documentais que podemos utilizar, encontram-se os acervos pessoais, os quais podem ser constituídos por cartas, fotos, cadernos, diários, cadernetas, dentre outros objetos que de alguma forma, segundo Artières (1998, p. 11), remetam ao exercício de arquivar a própria vida, contrapondo a imagem social e a imagem íntima de si próprio, criando assim um arquivamento do eu a partir de uma prática de construção de si mesmo. Dito isso, fica evidente a necessidade da cautela ao se permitir olhar para o passado por este tipo de documentação, sem a certeza de encontrar vestígios que possam retratar de maneira fidedigna a realidade a qual este outrora esteve inserido. Por outro lado, estes documentos podem nos trazer perspectivas inéditas àquelas que encontramos em documentos de outra natureza, proporcionando ao pesquisador questionar e levantar hipóteses que não seriam possíveis sem a utilização destes.

A fim de ilustrar a importância da utilização de acervos pessoais nas produções que abordam História da Educação Matemática, o presente artigo versará acerca da utilização destas fontes historiográficas na construção dos trabalhos desenvolvidos pelos autores buscando exemplificar, a partir da perspectiva dos mesmos, o impacto da utilização destes acervos na elaboração de seus trabalhos.

Contribuições e Reflexões

As produções acadêmicas que servirão como base para a análise dentro deste artigo foram produzidas pelos autores enquanto bolsistas do projeto “Educação Matemática no Rio Grande do Sul: instituições, personagens e práticas (1890 e 1970)”, o qual se propõe a contribuir com o preenchimento da lacuna historiográfica referente às práticas pedagógicas ligadas à Matemática no interior das escolas do Rio Grande do Sul, mais particularmente, na Região Sul do estado (Rios, 2014). Visando colaborar com a História da Educação Matemática neste estado, o projeto efetua ações como localizar, catalogar, organizar, disponibilizar e analisar acervos pessoais e institucionais ligados ao tema, tentando mapear processos de apropriação de modelos educacionais, que circularam no período compreendido entre os anos de 1890 e 1970.

Dentre as atividades efetuadas pelos autores como contribuições ao projeto, destacaremos a pesquisa efetuada no Centro de Documentação (CEDOC) da Universidade Federal de Pelotas, a qual se fez necessária devido a necessidade de encontrar fontes para cruzamento de dados históricos referentes ao trabalho⁵ que o grupo exerce até hoje nas dependências do Instituto de Educação Estadual Assis Brasil (IEEAB), em Pelotas, associadamente ao projeto de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul “Estudar para Ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)”

⁵ Alguns exemplos de resultados desse trabalho são Rodrigues (2019) e Kercher (2019).

(Búrigo, 2016)⁶.

Embora essa tenha sido a premissa para o início das atividades dentro do CEDOC, nos deparamos também com documentações não necessariamente ligadas ao trabalho que estará sendo desenvolvido no IEEAB, mas que poderiam trazer informações historiográficas referentes à educação matemática presente no Curso Complementar do Colégio São José em Pelotas, Rio Grande do Sul.

Todos os estes documentos relacionados ao Colégio São José são cadernos de uma ex-aluna da instituição, cujas anotações datam entre os anos de 1936 até 1938, período este em que a aluna frequentou do primeiro ao terceiro ano do Ensino Complementar no Colégio. O conteúdo dos documentos é variado, sendo possível encontrar anotações referentes ao que aluna chama de: “História Mundial”, “Língua Francesa”, “Língua Portuguesa”, “Matemática”, “Pedagogia Prática” e “Química”.

Mas afinal, o que estes cadernos teriam a acrescentar para além da documentação historiográfica institucional já conhecida do Colégio São José? Segundo Mignot (2008) os cadernos são responsáveis por guardar informações relativas ao aluno, aos pais, aos professores e à própria escola, informações essas que não poderiam ser obtidas em documentos oficiais.

Além disso, a utilização das fontes de acervos pessoais serve ao propósito de complementação das informações que se encontram nos documentos oficiais. Com os cadernos desta aluna não seria diferente, visto que estes nos trouxeram a possibilidade de analisar o ambiente escolar a partir dos indícios que esta deixou através de anotações no rodapé, lembretes e rascunhos, possibilitando uma outra perspectiva, diferente daquela presente nos documentos oficiais.

Dentre as discussões levantadas ao longo dos trabalhos produzidos, utilizando os cadernos como objeto de análise, podemos destacar as problematizações feitas a partir da investigação de trechos escritos pela aluna que nos chamaram a atenção.

Observando atentamente o conteúdo dos cadernos, é possível identificar uma característica entre os planejamentos de aula: todos parecem fazer uso do método intuitivo⁷, o qual, segundo D’Esquivel (2016), era comum de ser identificado na formação de professores a partir da segunda metade do século XIX. Esse método de ensino consiste, basicamente, na experiência individual do aluno, e se orienta do mais próximo, simples e fácil, para o não conhecido ainda, para o mais distante, complexo e difícil.

Neste primeiro momento, nos atentemos aos planejamentos de aula produzidos pela aluna, nos quais a mesma utiliza o termo “continhas” ao se referir à “Fase Concreta”, uma das fases utilizadas por ela na construção de seus planos de aula, remetendo, em vários aspectos, inclusive em sua estrutura, a utilização do Método Intuitivo. Isto nos abre margem para discussões acerca da utilização deste termo por parte da aluna, a fim de responder questões tais como: como e por que a aluna optou pela utilização deste termo?

⁶ Para informações complementares acerca do trabalho exercido por ambos os projetos, recomenda-se: <<https://www.ufrgs.br/sbemrs/2020/05/05/e-book-saberes-matematicos-nas-escolas-normais-do-rio-grande-do-sul-1889-1970/>>.

⁷ Recomenda-se a leitura de Valente (2008), Bastos (2013), e Ferreira (2017) para saber mais sobre o método intuitivo.

Outro ponto que gostaríamos de destacar, referente aos materiais da aluna, refere-se aos cadernos contendo saberes referentes a Aritmética, a presença de teoremas e corolários que utilizam uma linguagem mais técnica e complexa em sua construção, quando comparada com a utilizada pela aluna em suas marcações. Entretanto, existem explicações que sucedem estes mesmos teoremas e corolários e que assemelham-se a maneira coloquial que a aluna utiliza ao longo de suas anotações pelos cadernos, possibilitando questionamentos a respeito das relações em sala de aula que tornam possível a existência dessas “anotações menos técnicas”, mas que carregam de acordo com Cunha (2016 p. 17) vestígios das dimensões temporais/históricas projetadas pelo passado, tornando acessível para quem os analisa construir interrogações e reconstruir, a partir destas, narrativas que representam os momentos retratados apenas nesses documentos.

Referências

- Artières, P. (1998). Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, 9-34.
- Bastos, M. H. (2013). *Método intuitivo e lições de coisas por Ferdinand Buisson*. 231-253.
- Brasil. (2005). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- Búrigo, E. Z., Dalcin, A., Dynnikov, C., Rios, D. F., Fischer, M. C., & Pereira, L. H. (2016). *Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889 - 1970)*. 41. Porto Alegre.
- Cunha, M. T. (s.d.). Acervos pessoais de educadores: Do traçado manual ao registro digital. *Reunião Científica Regional da ANPED: Educação, movimentos sociais e políticos governamentais*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- D'Esquivel, M. O. (2016). As “Lições de Coisas” e os Saberes Elementares Matemáticos no Curso Primário. *Saberes matemáticos em circulação no Brasil: dos documentos oficiais às revistas pedagógicas, 1890 - 1970*.
- Ferreira, J. D. S. (2017). *Apropriações do método intuitivo de Pestalozzi para o ensino de saberes elementares matemáticos em periódicos brasileiros do final do século XIX e início do século XX*. Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe – RI/UFS.
- Kercher, V. (2019). Matemática nas narrativas das normalistas do Instituto de Educação Assis Brasil. *Seminário Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul*. Pelotas.
- Mignot, A. C. (2008). Um objeto quase invisível. Em *CADERNOS à vista: Escola, memória e cultura escrita* (pp. 7-13). Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Rios, D. F. (2014). *História da Educação Matemática no Rio Grande do Sul: instituições, personagens e práticas entre 1890 e 1970*.

- Rodrigues, J. M. (2019). Reflexão sobre o acervo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil. *Seminário Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas do Rio Grande do Sul*. Pelotas.
- Valente, W. R. (2008). *O ensino intuitivo de Aritmética e as Cartas de Parker*. V Congresso Brasileiro de História da Educação.